

O PT E O MOVIMENTO DE MULHERES EM S. PAULO

a) PEQUENA HISTÓRIA DO MOVIMENTO

A partir de 1975 a participação das mulheres na vida política de São Paulo ganha força. Mas, é em 1979, com o I Congresso da Mulher Paulista que o movimento de mulheres dá um salto qualitativo. Neste Congresso, além de discutirem a anistia e a participação política, as mulheres denunciam a discriminação que sofrem na sociedade pelo fato de serem mulheres. Apontam:

- 1.- a desigualdade entre os salários que são pagos às mulheres e os homens.
- 2.- a falta de creches.
- 3.- as deficiências do atendimento médico-ginecológico e as formas veladas de controle de natalidade.

Também é importante o fato de que as mulheres reunidas no I CONGRESSO organizam uma Coordenação dos Grupos participantes. É esta Coordenação que em 1980 organiza o II CONGRESSO.

Mas se o número de mulheres participantes cresceu e se as denúncias foram ampliadas constituindo um inventário da opressão que atinge trabalhadoras, empregadas domésticas, donas de casa e mulheres negras, alguns problemas aparecem no movimento na medida em que surgem grupos querendo impor suas plataformas partidárias sobre a Constituinte e a Luta contra a Carestia ao conjunto do movimento.

Estas mesmas mulheres criticam a prática de autonomia do movimento de mulheres com relação aos partidos e propõem a organização das mulheres nos departamentos femininos do PMDB a serem unificados numa futura Federação das Mulheres.

Em 1981 estes mesmos grupos, ligados ao jornal Hora do Povo terminaram por realizar um Congresso em separado (Pacaembu) cujas Resoluções repetiam a subordinação do movimento às questões gerais da Constituinte, Unidade Sindical etc.

Enquanto isto a Coordenação do I e II CONGRESSO realizou o III CONGRESSO, chamando as mulheres à luta por creches, contra a violência, por saúde e trabalho.

A divisão entre aquelas que defendem a autonomia do movimento e aquelas que vêm neste apenas uma correia de transmissão de palavras de ordem partidárias era inevitável (1)*

Mais grave no entanto foi o fato que a Coordenação do I, II e III Congressos e as sub-coordenações Regionais que funcionaram na preparação do 8 de março de 1981 tenham se esvaziado sem conseguirem levar adiante campanhas concretas em torno as denúncias dos Congressos. Na verdade apenas 2 lutas foram concretizadas: por creches através do Movimento de Creches e contra a violência, através do SOS.

Assim, em 1982, as mulheres que se reuniram para comemorar o 8 de março se propuseram a incentivar manifestações descentralizadas que estimulassem a organização do movimento em torno às lutas mais significativas em cada região. Na cidade de São Paulo e em várias Regiões do Estado foram organizados discussões, espetáculos permitindo a divulgação dos trabalhos que as mulheres vem levando contra a violência, contra a discriminação no trabalho, contra a opressão sexual, por mais creches.

O 8 de março teve um saldo positivo. Mostrou a vitalidade do movimento e refletiu suas lutas.

O ESTÁGIO ATUAL DO MOVIMENTO DE MULHERES E A SUA RELAÇÃO COM O PT.

O movimento de mulheres, neste momento, passa pouco pelos sindicatos, pelas associações de bairros ou quaisquer outras organizações de massa da classe trabalhadora. Restringe-se ainda, a pequenos grupos de trabalhos de mulheres, a associações do tipo das empregadas domésticas, donas-de-casa, clubes de mães ligados a paróquias e outras entidades feministas - hoje desarticuladas e isoladas, apresentando uma existência apenas formal, salvo o grupo de serviço SOS.

O movimento de mulheres em São Paulo apresenta-se, portanto, disperso e diversificado, sem ter as características de um movimento de massas e sem estar, de fato, encaminhando lutas ou campanhas. São na verdade, principalmente os meios de comunicação de massa que estão veiculando a questão da opressão da mulher para a sociedade de conjunto,

(1)* e culminou com a fundação em 1981 da Federação das Mulheres Paulistas e da União Municipal de Mulheres, entidades fantasmas que pretendem falar em nome do movimento de mulheres.

e apenas na forma de debate sobre os seus temas mais polêmicos.

Cabe às mulheres do PT lutar pela organização das mulheres, a partir de suas questões específicas, nos sindicatos das diversas categorias profissionais, nas associações de bairros, grupos de feministas, etc. Garantindo sempre que as mulheres tenham nestas entidades e as associações um espaço próprio de discussão e encaminhamento de suas questões específicas, sem isolar, é claro, do conjunto dos trabalhadores.

A relação entre o partido e o movimento deve se caracterizar pelo respeito às formas próprias de organização das mulheres e à autonomia do movimento. O respeito à autonomia não significa que o PT não tenha opinião sobre todas as questões do movimento de mulheres e as coloque no seu interior. Fará isso porém, respeitando as suas instâncias de decisão.

Dentre as questões principais da relação entre o partido e o movimento, destacamos três que entendemos ser de maior importância e contra as quais nos posicionamos:

a) o aparelhismo - prática política que procura transformar o movimento numa simples correia de transmissão das posições do partido, colocando o movimento a reboque do partido.

Para ilustrar essa prática, temos como exemplo mais claro de aparelhismo o das tendências políticas que se aglutinam em torno aos jornais Hora do Povo e Tribuna da Luta Operária que formaram e dirigem a Federação de Mulheres de São Paulo.

b) As correntes sexistas do movimento de mulheres que defendem uma posição antipartidária e apolítica como forma de garantir a autonomia do movimento. As sexistas não consideram que, também no caso das mulheres, a autonomia se dá pela independência do movimento em relação ao Estado e ao Partido. Para o PT, a delimitação de campo e de objetivos entre o Partido e o Movimento é fundamental para se conseguir os objetivos comuns.

c) o descompromisso de companheiros e companheiras do PT com o trabalho das mulheres - fruto do descaso ou da incompreensão da importância dos problemas que a mulher enfrenta - tanto para a solução de suas questões específicas quanto para a sua integração nas lutas dos trabalhadores - esses companheiros menosprezam as tarefas do Partido no trabalho com as mulheres.

A nível interno é de extrema necessidade que as mulheres se organizem dentro do PT, trazendo para dentro do partido as questões colocadas pelo movimento e se empenhando para que sejam assumidas pelo conjunto dos militantes. A postura de constante vigilância com relação ao machismo dos companheiros (as) é indispensável.

O PT formará dentro do movimento de mulheres um polo de

atuação com todas as mulheres que militem no seu interior e estejam dispostas a combater contra o aparelhismo e contra o sexismo. Esse polo, não significa nenhum tipo de entidade ou organização permanente. Se em alguns momentos, ele tomará formas orgânicas, elas serão ditadas pelas necessidades das lutas que ocorrerem do movimento de mulheres.

CONTRA AS FEDERAÇÕES DE MULHERES,
AS COORDENAÇÕES DE LUTAS

Conforme analisamos anteriormente neste documento, o movimento das mulheres apresenta hoje uma grande diversidade de formas organizativas. Esse fato não se dá assim porque algumas mulheres o quiseram, mas porque a realidade destaca para os diferentes grupos de mulheres diferentes prioridades a serem enfrentadas.

Nos bairros, por exemplo, muitas mulheres se agrupam nos clubes de mães para lutar por creches, outras formam associações de donas-de-casa em função da alta do custo de vida. Nos centros urbanos, aparecem associações de prostitutas que se defendem contra os ataques da polícia, comissões de mulheres em fábricas ou sindicatos contra a discriminação no trabalho, grupos de discussão sobre problemas sexuais.

Evidentemente, isso não quer dizer que as mulheres não têm problemas comuns. Os problemas da concepção, da discriminação da mulher no trabalho, do desemprego, entre outros afetam a milhares de mulheres e sem dúvida ocasionarão lutas conjuntas. Sem falar nas manifestações do machismo, que podem unir a todas as mulheres.

A preocupação legítima de fazer avançar o movimento, fazendo com que os grupos isolados busquem formas unificadas de luta não nos leva, no entanto, a propor nenhum tipo de entidade permanente de mulheres, muito menos a proposta de federações de mulheres.

Fazendo parte das classes e das categorias profissionais em que se divide a sociedade, as mulheres em si não constituem nenhuma classe ou categoria profissional. Não podem, portanto, isolar-se do conjunto da luta dos trabalhadores aglutinando-se numa entidade do tipo federação. Devem, ao contrário, levar para dentro das lutas dos trabalhadores as suas reivindicações.

No entanto, não basta que as mulheres simplesmente participem dentro dos partidos políticos, dos sindicatos, ou das associações de bairro. Elas precisam encontrar as formas particulares de organização que levantem seus problemas, seja dentro das organizações tradicionais dos trabalhadores, ou fora delas. São elas que decidirão, quais as formas mais eficazes.

Não queremos um aparelho de representação permanente

que substitua as formas vivas e dinâmicas que as mulheres tem encontrado para levar adiante as suas reivindicações. A substituição dessas organizações das mulheres por uma representação permanente, do tipo federação, se tornaria ainda uma prática autoritária, anti-democrática, delegando a mulheres, que não enfrentam certos tipos de problemas, a luta por eles e levando, conseqüentemente, o movimento à paralisia.

O PT entende que a única forma de unificar as mulheres são as suas lutas, as suas campanhas. Na medida em que um problema feminino se constitui num móvel de luta para uma parcela significativa de mulheres, esse problema deve ser enfrentado de forma unificada, através de coordenações de luta, onde cada grupo de mulheres indicará democraticamente a sua representante.

São as coordenações de luta que encaminham, deliberam e executam o que for necessário enquanto durar a luta ou campanha. Sua efetividade está determinada pelo tempo exigido pela luta ou pela campanha.

3) MULHER E ELEIÇÕES

Neste ano, com as eleições, o PT vive um dos períodos mais importantes de sua história: é o momento de consolidação do partido.

É o momento no qual a classe trabalhadora falará, confiando o seu voto ao seu partido, que surgiu da esperança de milhares e milhares de trabalhadores em acabar com essa situação de miséria e exploração.

Esse tem sido o objetivo do PT ao se construir e se consolidar enquanto partido da classe trabalhadora. E neste processo as mulheres têm jogado um papel fundamental por estar lado a lado dos homens nas lutas que são travadas pelo partido. Isto porque em nosso partido somos contra a discriminação de sexo, raça ou cor, assim como lutamos em nossos movimentos para que todas as formas de discriminação sejam abolidas.

O significado do PT é este: combater toda exploração e discriminação reforçada e agudizada por esta estrutura de governo, que atinge mais duramente a mulher pelo simples fato de ser mulher.

Neste sentido, diferentemente dos outros partidos, o PT nas eleições não fará promessas aos trabalhadores, mas encaminhará suas lutas.

Diferentemente dos outros partidos, que usam das mulheres e de suas bandeiras com objetivos meramente eleitorais, o PT se colocará ao lado do combate das mulheres (como tem procurado assim fazer) contra a sua opressão, respeitando as formas de organização nascidas através de suas lutas.

Esta tem sido a prática do PT. Isto porque, a afirmação de nossos candidatos, e principalmente candidatas, dar-se-á não só pelo combate que eles efetivamente hoje travam, mas também levantando as lutas da mulher trabalhadora, da jovem, da estudante, da empregada doméstica, em seus movimentos, categorias profissionais, entidades, etc.

Desta forma estaremos impulsionando a organização das mulheres em torno de suas reivindicações específicas e fortalecendo seu movimento. Isto significa em última instância, fortalecer e ampliar o movimento da classe trabalhadora que é a única garantia de termos nossas reivindicações satisfeitas.

Por isso, as eleições de 82 serão também um espaço importante para as mulheres ocuparem levantando suas bandeiras de luta.

É um momento privilegiado para o PT fazer a discussão das reivindicações femininas com milhares e milhares de mulheres e trabalhadores, e a estas questões apontar saídas.

É uma tarefa necessária do partido. Para tanto, as comissões de mulheres existentes no PT, as militantes que atuam no movimento de mulheres devem instrumentalizar nossos candidatos, e principalmente candidatas, para que esta tarefa seja cumprida. Isto significará, sobretudo, desenvolvermos um trabalho efetivo e mais sistemático no interior do partido sobre as questões das mulheres.

Foi com esse objetivo que a Comissão de Mulheres de São Paulo levantou algumas das questões mais presentes no movimento das mulheres para serem discutidas e incorporadas às plataformas municipal e estadual de São Paulo, com as quais entraremos em campanha eleitoral junto às mulheres trabalhadoras:

A Nível Municipal:

1.- as prefeituras PT destinarão parte de seus recursos à construção e manutenção de creches, totalmente gratuitas às crianças de até 6 anos de idade, com a participação direta e efetiva da comunidade interessada.

2.- as prefeituras PT lutarão para facilitar o trabalho doméstico estruturando uma rede que ofereça serviços de lavanderias e restaurantes à população.

A Nível Estadual:

1.- o governo PT capacitará os postos de saúde com pessoal qualificado e material necessário para que eles sejam aptos a atender a mulher em todas as fases de sua vida (na adolescência, através da educação e orientação sexual; na fase adulta dar os meios necessários para que a mulher possa planejar seus filhos, seja através de cursos específicos sobre sexualidade, seja orientando o uso correto dos contraceptivos que os postos de saúde fornecerão gratuitamente, seja alertan-

do para as sequelas que podem produzir o aborto no organismo da mulher quando realizado indiscriminadamente ou por curiosas).

2.- o PT, se elegendo, não se propõe a substituir a mobilização das mulheres, pelo contrário. O PT apoiará e impulsionará os organismos legítimos das mulheres, que são aqueles nascidos de processos de luta, tais como as associações de dona-de-casa, associações de empregadas domésticas, coordenações de luta, respeitando suas decisões.

3.- o governo PT se colocará na linha de frente na luta contra a violência que se exerce sobre as mulheres, criando meios para acabar com a violência sexual.

Além destas bandeiras, para plataforma municipal e estadual, o PT levantará as reivindicações da mulher trabalhadora tais como, o direito de profissionalização, a igualdade salarial entre mulheres e homens, licença-maternidade, etc.

Comissão de Mulheres

PT - São Paulo

junho/82

São Paulo, 2 de junho de 1982.

Companheiros,

O documento anexo, produzido pela Comissão de Mulheres do PT de ~~SÃO PAULO~~ ^{SÃO PAULO}, está sendo enviado a todos os Diretórios Regionais do Partido. Contém subsídios para as discussões que vem se realizando em cada Estado em função do próximo "Encontro Nacional do PT Para a Discussão das Questões do Movimento de Mulheres" a se realizar nos dias 19 e 20 de junho, em São Paulo. O documento abordará a situação do Movimento de Mulheres em São Paulo e o tema "as mulheres do PT e as eleições". Além de historiar a luta de mulheres paulistas, indica também alguns posicionamentos sobre concepções políticas diferenciadas no interior do movimento de mulheres que servem como elementos da discussão para o conjunto do Partido.

Solicitamos aos Diretórios Regionais que entreguem o mais rapidamente possível o documento às respectivas comissões de Mulheres cujas responsáveis pelos encontros ou reuniões que ocorrerão no próximo período.

Comissão de Mulheres do PT-SP